

Calígula versus Bolsonaro

Um artigo de Pedroom Lanne

Eu vi um pessoal que anda dizendo que Jair Bolsonaro seria o “nosso Calígula”, a versão tupiniquim daquele que foi o terceiro Imperador de Roma, entre os anos 37 e 41 d.C. – quatro, contando Júlio César.

Sacanagem com o Calígula.

A história desse peculiar imperador é super distorcida pelo senso comum, todos pensam que ele era um cara mau e, em função disso, acabou assassinado, que o mataram para “salvar Roma” – uma meia-verdade.

Calígula foi uma pessoa que sofreu fortíssimos traumas e foi vítima de um prolongado abuso psicológico durante sua infância e adolescência. Não bastasse, sofreu uma terrível doença logo no começo de seu reinado – possivelmente fruto de um envenenamento –, ficou em coma durante meses, só então tornou-se aquele Calígula que preenche o imaginário popular atual.

Calígula viu sua família assassinada e tornou-se prisioneiro do mandatário do crime. Justamente, o imperador de Roma na época, Tibério, o tirano, mas em uma ocasião em que o mesmo já se mostrava senil e as controvérsias sobre sua sucessão eram alvo de interesses e conspirações. No caso do imperador, também de suas paranoias, fator que o levou a chacinar a família de Calígula.

O pai de Calígula, chamado Germânico, por sua capacidade e liderança como general das legiões romanas na campanha contra os bárbaros germânicos – sem ironia quanto ao nome –, era considerado o herdeiro natural do Império, porém, Tibério queria que seu filho sucedesse o trono. Para assegurar a herança do filho, mandou envenenar Germânico. O que nos lembra, senão Bolsonaro, mas seu filho, Flavius, que teria mandado matar Marielle Franco para tomar sua vaga no Senado. Mas qualquer semelhança termina aí, pois, para a tristeza do pai, o filho de Tibério morreu subitamente – especula-se, assassinado por vingança pela morte de Germânico, igualmente envenenado.

Quando criança, além de vivenciar seu pai morrer envenenado em uma cabana de campanha à mando de Tibério, Calígula viu sua mãe ser presa e seus irmãos condenados à morte. Sua mãe faleceu no cárcere sem que nunca mais pudesse revê-la. Também foi separado das três irmãs, as quais só tornou a ver depois que assumiu o trono de Roma.

Decadente, Tibério exilou-se em uma ilha, Creta, para onde levou Calígula consigo, submetendo-o a uma competição contra seu neto, Gemelo, cujo prêmio seria o trono de Roma. Vale lembrar que a sucessão do Império não era hereditária, o Imperador indicava o seu sucessor. Ironicamente, apesar de ter mandado matar a família de Calígula, Tibério sabia que seu neto não reunia as qualidades para ser imperador, ou, talvez, também pelo peso na consciência por ter matado a família dele, nominou Calígula como seu sucessor ao lado de Gemelo. Roma seria governada por dois imperadores.

Mas um trono *co-partícipe* era incompatível com as leis romanas, assim, com apoio da guarda pretoriana, do cárcere, Calígula retornou para Roma como seu novo Imperador e nomeou Gemelo seu herdeiro. Devido ao pai, um grande general, o prestígio de Calígula era grande e o Senado aprovou a decisão.

Apesar de tudo que passou, Calígula foi um bom Imperador. Ele recuperou a glória de Roma após uma década de abandono por parte de Tibério, que havia deixado a cidade às moscas; tornou-se popular. Esta momentânea glória durou até que adoecesse e ficasse em coma durante meses.

Quando Calígula recuperou a consciência, nunca mais foi o mesmo. É fácil deduzir, embora qualquer prova tenha se putrefeito junto com seu cadáver, que suas faculdades mentais tenham sido severamente afetadas pelo coma. Ou seja, ele nunca foi maligno, apenas enlouqueceu em decorrência da doença que o acometeu – além dos traumas que já carregava desde a infância.

Mas sua insanidade não tardaria a se manifestar e aquelas paranoias de seu antecessor passariam a ser suas também, o que ficou claro quando Calígula mandou matar Gemelo, seu ex-concorrente ao trono. Mas isso não seria algo que, naquela época, conferisse um fator tão contundente para criticá-lo como governante, se até hoje isso ainda acontece. Tá aí, Bolsonaro que apaga vários arquivos de suas milícias e segue firme no governo.

Para o povo de Roma, a loucura de Calígula tornou-se notória quando ele anunciou a relação com sua irmã e o filho que ela esperava. Porém, ela morreu antes que pudesse dar a luz ao fruto desse incesto. A perda da irmã e do filho foi outro baque psicológico para o Imperador, algo muito aquém de uma imoralidade para quem nem ligava para isso, um luto do qual jamais se recuperaria. Nesse momento, ele já era um tirano como seu antecessor. Paranoico, sanguinário, arruinou sua família, assassinou súditos mais próximos e condenou senadores, entre tantos desmandos e delírios. Nos tempos de Roma não havia *impeachment* pra depor o Imperador, a única alternativa para tirá-lo do poder era conspirando contra ele, ou seja, através de um golpe – ou, quando muito, forçando sua renúncia. Pra isso bastava apoio militar e, preferivelmente, do Senado romano também. É claro que nem tudo era tão previsível e uma derrubada do poder poderia gerar uma guerra civil, como aconteceu quando assassinaram Júlio César.

Mas com Calígula não houve revolução. A decisão de matá-lo foi um acerto entre pretorianos e senadores, não tão no plural, mas envolveu vários conspiradores. Uma decisão quase que burocrática apenas, já que Calígula não governava mais, estava completamente louco, vivendo os delírios e as extravagâncias que o poder lhe conferiam. Quem realmente governava e cuidava dos despachos do reino era seu tio, Claudio, irmão de seu pai – o último ente familiar mais próximo ainda vivo e íntimo de Calígula, único em que o imperador confiava. Nisso, Calígula realmente lembra um pouco Bolsonaro, que permite seus filhos ditarem os rumos do governo e se mostra cada vez mais isolado no poder, insistindo em seus devaneios cloroquímicos enquanto Congresso, STF e governadores estaduais tentam controlar a sindemia que toma conta do país.

A ironia dessa sucessão foi a traição de Cláudio ao Senado. Em um assassinato que lembrou muito o de Júlio César, Calígula foi esfaqueado pelos conspiradores. Mas, ao invés de devolver o poder ao Senado e permitir que Roma voltasse a formar uma República, em conluio com o chefe da guarda pretoriana, Cláudio reivindicou o poder e tomou o trono para si, tornando-se o novo Imperador romano.

Tá aí mais uma incongruência nesse paralelo entre Calígula e Bolsonaro: além da natureza da insanidade entre ambos ser totalmente distinta, por aqui ainda parece não existir alguém realmente imbuído a depor o presidente ou qualquer trama para depô-lo. Continuamos liderados por um louco e ausentes de qualquer pretoriano disposto a cravar-lhe a lâmina no ventre.

Aliás, isso também difere Bolsonaro de Calígula: a facada que matou o imperador romano foi real.

Outra analogia, esta que talvez fosse favorável a Bolsonaro e qualquer plano que, por ventura, promova um autogolpe de sua parte, seria entre a guarda pretoriana e as milícias do presidente. O detalhe emblemático na ascensão e queda de Calígula foi seu reinado ter começado e acabado pela imposição da guarda pretoriana. Calígula foi assassinado por Cláudio, o chefe da guarda que sucedeu o líder anterior, Macro, este que havia assegurado a anulação do testamento de Tibério junto aos senadores e, suspeita-se, assassinado Tibério para assegurar seu salvo conduto ao trono; não obstante, acabou morto a mando do imperador, nas paranoias dele, por temer que estivesse conspirando contra o Império. Mas como tudo isso é passado e Bolsonaro paira no presente, não sabemos se, no futuro, suas milícias terão alguma importância em sua manutenção ou queda do poder. Apenas que, pelo que consta, ao contrário de Calígula – morto por sua guarda –, o presidente ainda goza da confiança e da fidelidade de seus pretorianos. Desse modo, qualquer semelhança entre os dois seria mera ficção neste aspecto.

Aqui, no presente, como em Roma no passado, cabe a analogia entre matar o imperador para “salvar o Brasil”. Talvez seja essa a grande semelhança entre esses dois tiranos.

Na Netflix

Uma boa referência para saber mais sobre Calígula para quem não tá afim ou não tem tempo para mergulhar nos livros de história é assistir ao documentário Império Romano, disponível na Netflix.

O documentário conta com narrador, depoimentos de historiadores e encenações dramáticas, muito bem produzido. Transcorre de uma maneira leve e dinâmica, sendo dividido em três partes (ou temporadas), cada qual focando a história de um imperador. Nas três temporadas disponíveis no Brasil são apresentadas as biografias dos, talvez, mais controversos e famosos imperadores de Roma: Júlio César, o fundador do Império; Cômodo, aquele de demarca a ruína de Roma; e, naturalmente, Calígula.

Em comum, três imperadores cuja morte se deu pela espada de seus adversários. Pra quem curte histórias de Roma, esse documentário é um prato cheio. Fica a dica.